



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 16 | Nº. 30 | Jan./Jun. de 2024

Apresentação

O campo da História Ambiental vem ganhando cada vez mais importância nos últimos anos em vários países, inclusive no Brasil. Por um lado, o número crescente de pesquisadores, estudos e eventos de História Ambiental mostra a consolidação dessa perspectiva historiográfica. Aliás vale ressaltar que em 2025 o Brasil sediará o Simpósio da Sociedade Latino-americana e Caribenha de História Ambiental. Por outro lado, o agravamento da catástrofe ambiental, em especial a partir da questão climática, nos últimos anos impulsiona o debate sobre a própria necessidade de incluir a dimensão ambiental aos estudos históricos como prisma fundamental para entender as experiências humanas ao longo do tempo. Se a historiografia se faz sempre partindo também das questões de seu tempo presente, sem dúvida uma questão emblemática da atualidade é o debate sobre o meio ambiente.

Neste sentido, a História ao incorporar a Natureza em suas inquietações, abre um leque de possibilidades de análise no qual o ambiente não seja apenas pano de fundo. Mesmo quando se discute sua transformação na perspectiva de dar conta das políticas de ocupação territorial – considerando a fertilidade e as especificidades do solo e do clima que

moviam e movem frentes de expansão – dominar a natureza expressa progresso, na ótica dominante. Um conhecimento impregnado por novos paradigmas e multiplicidade de temas e objetos, permeados pela subjetividade, novas linguagens, buscando melhor compreender a complexidade das inquietações relativas à exploração dos recursos naturais, conflitos ambientais, dos desastres socioambientais e mobilizações diante do quadro de caso climático.

Hoje, pensar a relação natureza e cultura se coloca como desafio para nós historiadores no século XXI. É imprescindível compreender, e fazer entender, que humanos e o restante da natureza formam um conjunto indissociável, interdependente, cujos comportamentos refletem-se mutuamente. É necessário integrar a aparente dicotomia cultura/natureza em um quadro de referência histórica mais vasto. Com trabalhos de pesquisadores de norte a sul do Brasil, este dossiê da Revista Historiar é fruto justamente dessa robustez e necessidade da discussão ambiental na historiografia.

Neste número, o artigo “‘É fantástico! Não há sílica, mas há silicose’: A controvérsia pelo reconhecimento da silicose nas minas de carvão de São Jerônimo/RS (1943-1947)”, de André Becker, discute relações de trabalho a partir das disputas pelo sentido da sílica nas minas de carvão do Rio Grande do Sul. Levar em consideração esse mineral permite não somente aprofundar a compreensão das questões trabalhistas e conflitos socioambientais, mas também lançar novos olhares às relações entre diferentes grupos humanos e o restante da chamada natureza. As disputas sociais se fazem, afinal, também, entrelaçadas com elementos não-humanos.

Já o trabalho de Wendell Cordovil e Wesley Kettle, intitulado “Meio ambiente e ensino de história na Amazônia: entre concepções e conteúdos”, traz a discussão urgente sobre a inclusão da dimensão ambiental no ensino de História na Educação Básica. A partir de experiências na cidade de Ananindeua, no Pará, os autores discutem a importância desse tema e as dificuldades para implementá-lo nas escolas. Diante da visão ainda da História como um campo de estudo como restrito a ações humanas ao longo do tempo, sem dúvida é bastante desafiador superar a imagem de que a discussão ambiental não é algo somente de disciplinas como Geografia, Biologia ou Física, mas também da História. E essa discussão é exatamente uma das questões centrais a motivar a entrevista que, também, compõe esse dossiê, bastante interessante com Wesley Kettle.

Por sua vez, o artigo “As áreas verdes como uma manifestação histórica da socrionatureza: uma análise de caso”, de Carlos Eduardo Mazia, analisa as áreas denominadas verdes em espaços urbanos a partir da ideia das interações entre humanos e natureza, com a chamada socrionatureza, pensando-as também como enclave muito significativo das relações entre urbano e rural. A partir do caso de Paraguaçu Paulista, no interior do estado de São Paulo, este trabalho constitui um interessante estudo de história ambiental urbana.

De autoria de Kenia Rios, o artigo “Entre secas e migrações: Uma história ambiental do semiárido nordestino” mostra a importância de incluir o prisma da História Ambiental na compreensão dos sertões semiáridos do Brasil. A partir dessa perspectiva, as relações de poder, acesso à terra e desigualdade social se tornam ainda mais palpáveis no fazer-se dessas porções do país.

Essa diversidade de estudos no presente dossiê mostra justamente a difusão da História Ambiental no Brasil e o amplo leque de pesquisas na área no país. Neste momento de crescentes discussões sobre a questão ambiental e, mais do que isso, de experiências mais frequentes e intensas de eventos climáticos extremos, escancarando, mais e mais, o quanto os humanos se fazem historicamente em conjunto com o restante da natureza ao seu redor, sem dúvida as reflexões e mobilizações em torno dessa temática devem ganhar cada vez mais espaço.

Somando-se aos artigos do dossiê, apresentam-se outros quatro textos que compõem a sessão tema livre. Dentre eles, “Inventariadas fortunas escravistas: a representatividade dos bens arrolados dos agentes inventariados da Vila Sul Mineira de Baependi (1830-1888)”, de Juliano Tiago Viana de Paula que se debruça sobre inventários oitocentistas da Vila de Baependi-MG, com o intuito de compreender as dinâmicas do sistema agrário e as desigualdades socioeconômicas da sociedade escravista do século XIX.

O autor Yuri Manuel Francisco Agostinho, em seu artigo intitulado: “Breves notas a respeito da entrevista realizada com Manuel Barros Gabriel: testemunho, memória e história oral”, através da metodologia de História Oral recupera narrativas que (re)significam a construção de bairros indígenas da cidade colonial de Luanda, capital de Angola, na África do Sul.

O artigo “A tradição do barro como legado ancestral das comunidades de Boa Fé e Moita Redonda, em Cascavel-CE”, com autoria coletiva de Alexandre dos Santos

Rocha, Camila Batista Silva Gomes e José Cleilson de Paiva dos Santos traz a problemática da “luta e resistência de comunidades locais que não são tituladas como remanescentes de quilombo no litoral leste do Ceará, mas que possui uma ancestralidade fundamentada nos valores afro-brasileiros e africanos no território em que ocupam”. Temática fundamental para a reparação e conquista de direitos dos povos afro-brasileiros e uma aprendizagem, cada vez mais necessária, sobre a reeducação para as relações étnico-raciais.

Como último artigo de tema livre, “Bombas nas bancas: atentados de extrema-direita contra jornalheiros na abertura da ditadura civil-militar”, seu autor, Airton de Farias, problematiza a atuação da extrema direita no período de abertura política, após ditadura civil-militar, no Brasil, em que bancas de jornais eram alvo fácil de atentados a bombas, por venderem jornais da imprensa alternativa, vinculados à “propaganda comunista”, conforme era interpretado na época.

Enriquecendo essa edição, destaca-se uma instigante resenha, produzida por Kleire Anny Pires de Souza, que aborda o livro “O pensamento Hétero e outros ensaios”, da autora francesa Monique Wittig que, nas palavras de Kleire Anny “foi uma das figuras mais centrais para o desenvolvimento do que se popularizou como a teoria do movimento lésbico feminista”.

Por fim, essa Edição da Revista Historiar traz uma entrevista com Wesley Kettle, que é professor da Universidade Federal do Pará, com vasta experiência no campo da História Ambiental na Amazônia, que, entre outros temas discorre sobre a importância dessa temática para o ensino de História.

Portanto, aos leitores e leitoras, boa leitura.

Eurípedes Antônio Funes
Universidade Federal do Ceará/UFC
eufunes@terra.com.br

Gabriel Pereira de Oliveira
Instituto Federal do Rio Grande do Norte/IFRN
gabrielperoli@gmail.com

Ana Isabel Cortez Reis
Universidade Regional do Cariri/URCA
anaisabel.reis@urca.br